

# Informativo CEPEA

## Setor Florestal -

Preços dos produtos florestais  
tem relativa estabilidade no  
estado de São Paulo

Número 169 – Janeiro de 2016

Realização:



Apoio:



**Elaboração**

Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (CEPEA-ESALQ/USP) – Economia Florestal

**Supervisão**

Prof. Dr. Carlos José Caetano Bacha

**Pesquisadores Colaboradores**

Adriana Estela Sanjuan Montebello (UFSCar/CCA-Araras)

Leandro Vinícios Carvalho

**Apoio Técnico**

Anna Carolina Amorim Porto

Gabriel Valério Rodrigues Salles

Igor Correa Machado

Lucas Ayres Costa

Manuela Corrêa de Castro Padilha

Vanessa Proença Almeida Rosa

**CEPEA.** Todos os direitos reservados. Nenhuma parte dessa publicação pode ser reproduzida ou transmitida sob nenhuma forma ou qualquer meio, sem permissão expressa por escrito. Retransmissão por fax, e-mail ou outros meios, os quais resultem na criação de uma cópia adicional é ilegal.

**CEPEA - Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada**

Avenida Pádua Dias, 11 – 13400-970 – Piracicaba-SP

Fones: (19) 3429-8815/3447-8604 – Fax: (19) 3429-8829

**[www.cepea.esalq.usp.br](http://www.cepea.esalq.usp.br) – e-mail: [floresta@usp.br](mailto:floresta@usp.br)**

## Introdução

Os preços em reais dos produtos florestais *in natura* e semi-processados oriundos de florestas plantadas apresentaram relativa estabilidade no mercado interno do Estado de São Paulo no mês de janeiro de 2016 em relação a dezembro passado, com um único aumento nos preços dos produtos *in natura* e comportamento misto nos preços dos produtos semi-processados. Ocorreram alterações de preços para a maioria das regiões (exceto na região de Itapeva) onde é realizada a coleta de preços, mas para produtos específicos. No mercado de pranchas de madeira oriunda de florestas nativas o mês de janeiro de 2016 foi de expressiva estabilidade nos preços em relação a dezembro passado, com destaque para o crescimento dos preços de um único produto na região de Bauru.

O mercado interno do estado do Pará apresentou em janeiro de 2016, em comparação ao mês anterior um comportamento misto nos preços médios em reais nas pranchas de madeiras nativas e um aumento de um único preço médio nas toras de madeiras nativas.

Com relação ao mercado doméstico de celulose e papel, pode-se observar que o preço médio em dólar da celulose de fibra curta seca continuou apresentando, no mês de fevereiro de 2016, queda nos preços em relação ao mês de janeiro de 2016. Os preços médios em reais dos papéis offset em bobina apresentaram crescimento no mês de fevereiro em relação às suas cotações no mês anterior.

Em janeiro de 2016, as exportações de madeiras, de papel e de celulose apresentaram expressiva redução em comparação ao mês anterior (11,75%), com destaque para a redução de 21,54% das exportações de madeira e queda das exportações de papel e celulose em 9,03%.

## Espécie



O *Jacaranda cuspidifolia* (Bignoniaceae) – conhecido simplesmente por jacarandá de minas – é uma espécie de médio porte possuindo de 5 a 10 metros de altura e entre 30 a 40 cm de diâmetro. Seus locais de ocorrência natural são os estados de Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, São Paulo, indo até o Paraná. Sua madeira é comumente utilizada para processamento em marcenaria. É uma árvore decídua, peculiar de encostas rochosas da floresta latifoliada e em áreas de transição para o bioma do cerrado. No decorrer do ano, ela produz grande quantidade de sementes que são amplamente dispersas pelo vento.

Seu período de floração ocorre entre os meses de setembro a dezembro; o de frutificação acontece entre agosto e setembro. De caráter ornamental, seu uso no paisagismo é expressivo. Também é comum a utilização da espécie na regeneração de áreas degradadas, pretendendo a recomposição arbórea de espaços de preservação permanente.

## Mercado Interno de Produtos Florestais – Estado de São Paulo

Os preços médios de produtos florestais no mercado interno de São Paulo apresentaram um cenário de relativa estabilidade de preços para a maioria das regiões pesquisadas no mês de janeiro de 2016 em comparação ao mês de dezembro de 2015. Ocorrendo apenas um único aumento de preços para produtos florestais *in natura* e comportamento misto de preços para os produtos florestais semi-processados.

A região de Sorocaba apresentou comportamento de queda em seus preços médios com redução nos preços dos seguintes produtos: metro cúbico do eucalipto tipo viga (-0,62%), no metro cúbico da prancha de eucalipto (-0,55%) e no metro cúbico do sarrafo de pinus (-1,40%). Para os produtos florestais *in natura* houve um aumento nos preços médios do estéreo da tora de eucalipto em pé para processamento em serraria (0,42%). O mercado de madeiras nativas não evidenciou quaisquer alterações em seus preços médios no mês de janeiro.

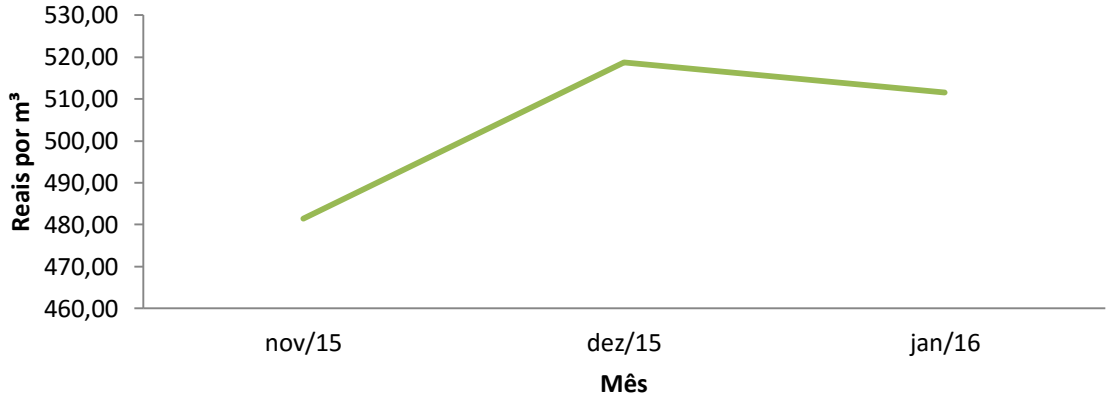
A região de Bauru apresentou comportamento misto de preços para alguns produtos florestais semi-processados; com queda no preço médio do metro cúbico da prancha de eucalipto (-0,44%) e um aumento nos preços do metro cúbico da prancha de pinus (0,13%), expostos na Tabela 1. No mercado de madeiras nativas na região de Bauru houve aumento no preço médio do metro cúbico da prancha de Peroba (0,41%).

Os preços das madeiras semi-processadas na região de Marília praticamente não obtiveram variações, exceto pelo aumento nos preços médios do metro cúbico do eucalipto tipo viga (2,09%).

A região de Itapeva não apresentou variação nos preços médios de seus produtos florestais, analisados em janeiro de 2016 em relação a suas cotações em dezembro de 2015.

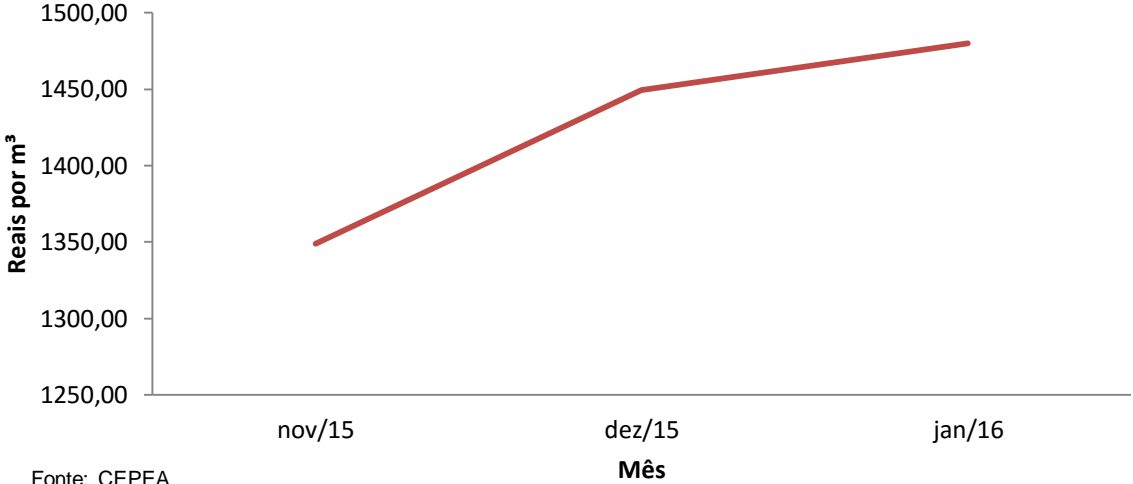
A região de Campinas também apresentou cenário de relativa estabilidade de preços com apenas uma única variação nos produtos florestais semi-processados no mês de janeiro de 2016 quando ocorreu um aumento nos preços médios do metro cúbico da prancha de pinus (5,06%) em relação a dezembro de 2015.

Gráfico 1 - Preço do sarrafo de pinus (m3) na região de Sorocaba



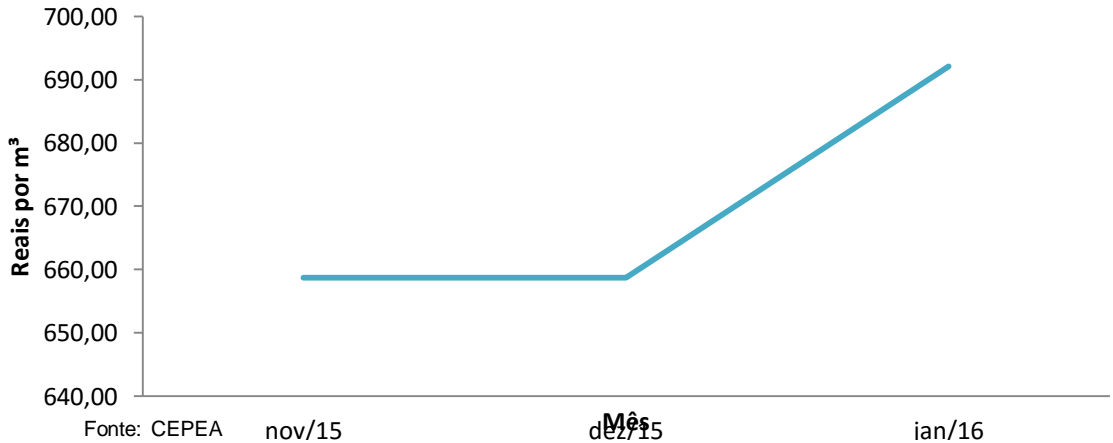
Fonte: CEPEA

Gráfico 2 - Preço do eucalipto tipo viga (m3) na região de Marília



Fonte: CEPEA

Gráfico 3 - Preço da prancha de pinus (m³) na região de Campinas



Fonte: CEPEA

Gráfico 4- Preço da prancha de Peroba (m3) na Região de Bauru

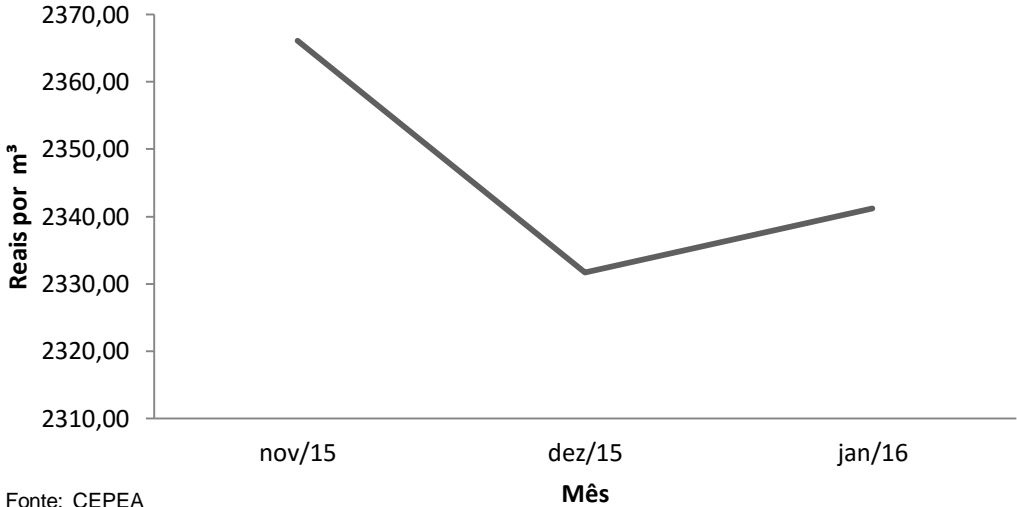
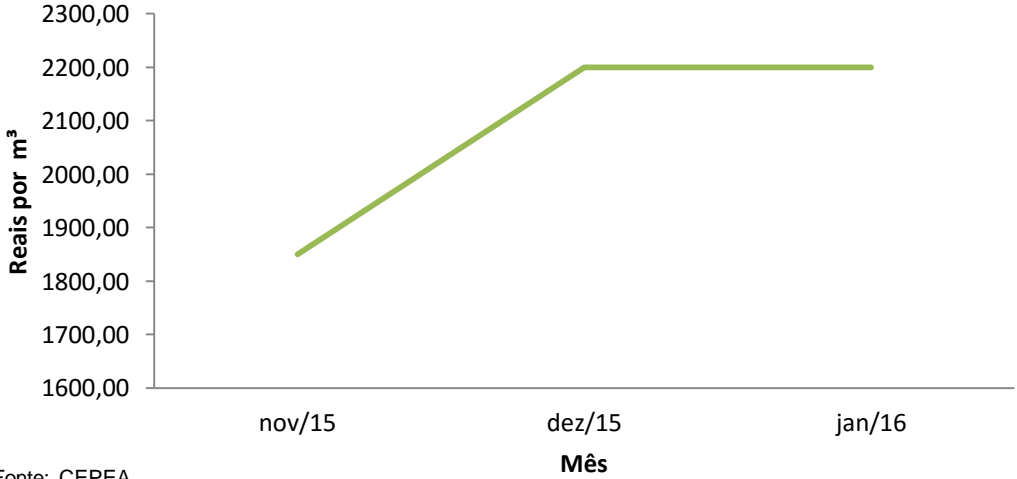


Gráfico 5- Preço da prancha de Angelim Pedra (m3) na Região de Sorocaba



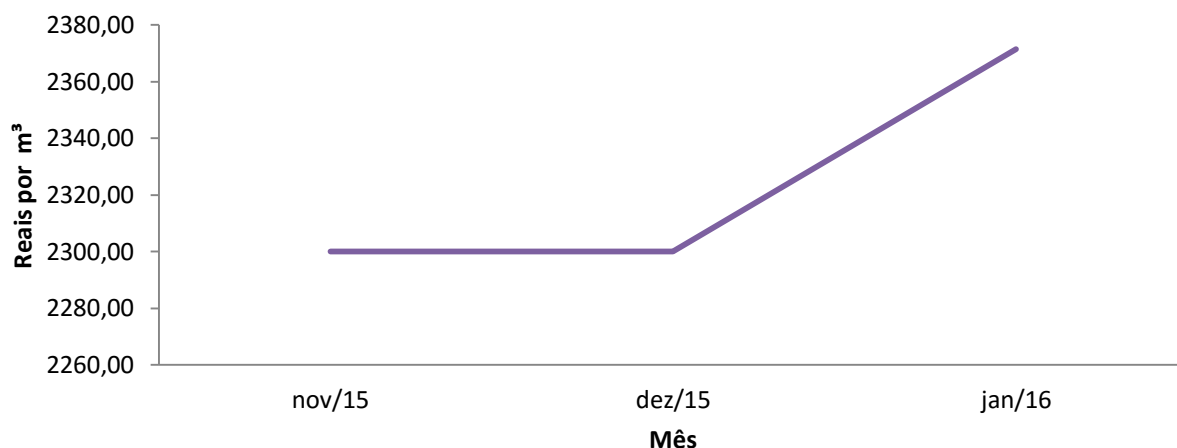
## Mercado Interno de Produtos Florestais – Estado do Pará

O mercado interno de madeiras nativas do estado do Pará apresentou comportamento misto nos preços médios para as pranchas e houve aumento específico nos preços médios das toras de jatobá em janeiro de 2016.

Em relação às pranchas, houve aumento nos preços médios do metro cúbico do Ipê (3,11%) e redução nos preços médios do metro cúbico da prancha de Angelim Vermelho (-0,60%), em janeiro de 2016 em relação ao mês anterior.

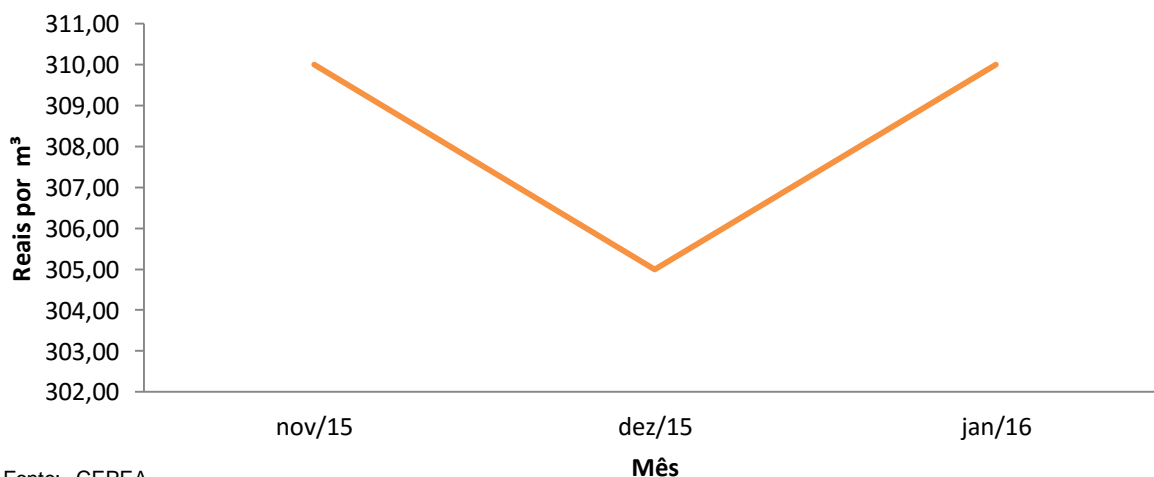
O mercado de toras de madeiras nativas no Pará apresentou apenas uma variação positiva no preço médio do metro cúbico da tora de Jatobá (1,64%), permanecendo estáveis os preços das demais toras em janeiro de 2016 em relação a dezembro de 2015.

**Gráfico 6 - Preço médio do metro cúbico da prancha de Ipê**



Fonte: CEPEA

**Gráfico 7 - Preço médio do metro cúbico da Tora de Jatobá**



Fonte: CEPEA

## Mercado Doméstico de Celulose e Papel

O preço médio em dólares da celulose de fibra curta do tipo seca no mercado interno de São Paulo apresentou queda pelo segundo mês consecutivo no ano. Houve redução de 1,34% em fevereiro em relação a janeiro de 2016. Os preços passaram de US\$ 789,50 por tonelada em janeiro para US\$ 778,91 por tonelada em fevereiro de 2016 (Tabela 5).

Os preços médios em reais do papel *offset* em bobina no mercado interno de São Paulo apresentaram aumento no mês de fevereiro de 2016 em relação ao mês anterior. O preço médio em reais da tonelada de papel *offset* passou de R\$ 3.638,69 em janeiro para R\$ 3.656,42 em fevereiro, uma variação positiva de 0,49%. Enquanto os preços médios em reais do papel *cut size* não apresentaram variação nos preços no mês de fevereiro de 2016 em relação ao mês anterior (Tabela 1).

**Tabela 1 - Preços médios no atacado da tonelada de celulose e papel em São Paulo – Janeiro de 2016 e Fevereiro de 2016**

Mês		Celulose de fibra curta – seca (preço lista em US\$ por tonelada)	Papel offset em bobina <sup>A</sup> (preço com desconto em R\$ por tonelada)	Papel cut size <sup>B</sup> (preço com desconto em R\$ por tonelada)
jan/16	Mínimo	788,91	3.209,18	2.886,60
	Médio	789,50	3.638,69	3.666,03
	Máximo	790,69	4.511,95	4.888,66
fev/16	Mínimo	778,88	3.209,18	2.886,60
	Médio	778,91	3.656,42	3.666,03
	Máximo	778,93	4.511,95	4.888,66

**Fonte:** CEPEA. Nota: os preços acima incluem frete e impostos e são para pagamento a vista. Preço lista para a celulose e preço com desconto para os papéis.

A = papel com gramatura igual ou superior a 70 g/m<sup>2</sup>

B = papel tipo A4.



## Mercado Externo de Produtos Florestais

No mês de janeiro de 2016 a exportação total de produtos florestais (madeiras, papel e celulose) foi de US\$ 785,99 milhões, com uma redução de 11,75% em comparação ao mês de dezembro (quando o total exportado de produtos florestais foi de US\$ 890,69 milhões).

O setor de celulose e papel apresentou redução no total exportado em 9,03% no primeiro mês do ano em relação ao mês de dezembro de 2015. No mês de janeiro de 2016 foram exportados US\$ 633,67 milhões de celulose e papel, enquanto em dezembro passado esse valor foi de US\$ 696,55 milhões.

As exportações de madeiras e painéis também tiveram uma redução em janeiro de 2016, da ordem de 21,54% em relação ao mês anterior. Essas exportações foram de US\$ 152,32 milhões em janeiro de 2016 e US\$ 194,14 milhões em dezembro de 2015.

**Tabela 2 – Exportações brasileiras de produtos florestais manufaturados de outubro a dezembro de 2015**

Item	Produtos	Mês		
		out/15	nov/15	dez/15
Valor das exportações (em milhões de dólares)	Celulose e outras pastas	586,78	443,50	516,49
	Papel	171,72	164,25	180,06
	Madeiras compensadas ou contraplacadas	33,77	33,86	42,08
	Madeiras laminadas	2,88	2,07	3,24
	Madeiras serradas	40,78	34,84	39,17
	Obras de marcenaria ou de carpintaria	21,49	19,68	22,59
	Painéis de fibras de madeiras	18,52	19,14	21,20
	Outras madeiras e manufaturas de madeiras	55,86	60,45	65,04
Preço médio do produto embarcado (US\$/t)	Celulose e outras pastas	501,75	473,56	483,08
	Papel	925,79	926,73	915,96
	Madeiras compensadas ou contraplacadas	527,93	502,09	493,34
	Madeiras laminadas	901,46	713,79	766,31
	Madeiras serradas	508,45	487,03	487,03
	Obras de marcenaria ou de carpintaria	1791,46	1852,32	1635,19
	Painéis de fibras de madeiras	357,50	344,83	331,44
	Outras madeiras e manufaturas de madeiras	442,76	233,35	321,05
Quantidade exportada (em mil toneladas)	Celulose e outras pastas	1169,48	936,54	1069,15
	Papel	185,48	177,23	196,58
	Madeiras compensadas ou contraplacadas	63,97	67,44	85,30
	Madeiras laminadas	3,20	2,91	4,22
	Madeiras serradas	80,19	71,53	80,42
	Obras de marcenaria ou de carpintaria	11,99	10,63	13,82
	Painéis de fibras de madeiras	51,80	55,52	63,97
	Outras madeiras e manufaturas de madeiras	126,17	259,05	202,59

Fonte: SECEX/MDIC - Balança Comercial Brasileira.

## Notícias

### Desempenho do setor florestal

#### **Cautela deve nortear estratégias da indústria de madeira do Brasil**

O ano de 2015 apresentou desempenhos distintos para os diferentes segmentos de produtos de madeira processada mecanicamente, pois vários elementos afetaram distintamente a competitividade dos fabricantes, tais como aumento de custos internos, excesso de produção mundial, queda do preço em dólar, redução do PIB chinês e diminuição do consumo por alguns produtos. No agronegócio, entretanto, foi um ano "razoável" de acordo com o presidente da Associação Brasileira da Indústria de Madeira Processada Mecanicamente (Abimci), José Carlos Januário. Segundo ele, o investimento na melhoria da qualidade e nas certificações ajuda a garantir um melhor preço, alcançando mercados mais exigentes e encontrando outros nichos.

A produção de madeira serrada de pinus registrou um aumento de 31,4 % em relação ao volume físico embarcado em 2014, alcançando, em 2015, 1.304.305 metros cúbicos. Segundo a Abimci, o crescimento se deve, entre outros fatores, a uma significativa melhora do processo produtivo nacional com investimentos que permitiram aumentar a capacidade de produção.

Para os produtores de compensado plastificado, o ano de 2015 foi menos positivo, ocorrendo uma redução de 50% das vendas de compensado plastificado brasileiro para o exterior segundo o coordenador Comitê de Compensado Plastificado, Walter Reichert. Ainda de acordo com ele, entre as causas desse cenário estão fatores como queda na demanda mundial por esse produto, os problemas enfrentados pelo Oriente Médio com a crise do petróleo e as suas guerras, a desvalorização da moeda russa nos últimos dois anos, além da grande oferta de produtos da China com preço baixo e com boa qualidade.

Com opinião mais pessimista, o coordenador do Comitê de Produtos de Maior Valor Agregado e Madeira de Pinus, Fernando Carlotto Gnoatto, afirma que o ano de 2015 foi até agora o pior dos últimos cinco, devido à demanda retraída no mercado interno e turbulência externa no câmbio, os quais auxiliaram para uma estagnação das vendas dos produtos de madeira de maior valor agregado. Ele ainda aponta o chamado custo-Brasil como vilão: "O Brasil está se tornando muito caro para produzir: inflação, preço dos combustíveis, falta de estrutura em logística são fatores primordiais para um país ser competitivo. Precisamos fazer a lição de casa, reduzir custo internos para sobreviver", desabafa Gnoatto. Mesmo quem prevê um crescimento nas vendas, como o segmento de compensado de pinus, está em alerta devido aos custos com tora, resinas e energia, os quais podem comprometer a competitividade. Alguns fabricantes já estão comprando energia no mercado livre, por exemplo, pois conseguem um valor até 40% mais barato", conclui Fabiano Sangali - coordenador do Comitê de Laminado e Compensado de Pinus da Abimci.

## Notícias Política Florestal

### **Programa de Recuperação Ambiental será definitivamente implantado**

O Programa de Regularização Ambiental (PRA) no Estado de São Paulo foi regulamentado em 12 de janeiro de 2016, por meio do Decreto nº 61.792, e possibilitará em tese a restauração de mais de um milhão de hectares de áreas degradadas ou alteradas, ampliando a área de vegetação nativa existente nas propriedades e imóveis rurais paulistas.

O PRA prevê que mais de 300 mil unidades produtivas do Estado terão as atividades agropecuárias completamente regularizadas, podendo garantir o uso econômico de áreas de ocupação consolidada em áreas de Proteção Permanente (APP), facilitar a instituição de Reservas Legais, rever termos de compromisso firmados sob a exigência da sistemática florestal anterior, suspender a cobrança de autuações e multas ambientais, auxiliar os pequenos e médios produtores rurais a reconstituírem matas ciliares, incrementar os fluxos e conexões biológicas e melhorar a produção hídrica.

Para solicitar a regularização dos imóveis pelo PRA, os proprietários rurais deverão estar inscritos no Cadastro Ambiental Rural (CAR) e apresentar o Projeto de Recomposição de Áreas Degradadas e Alteradas (PRADA) no período de até um ano do início da implantação. Quem ainda não se inscreveu no CAR tem até o dia 6 de maio de 2016 para informar os dados pelo Sistema do Cadastro Ambiental Rural de São Paulo (Sicar-SP). Segundo o Arnaldo Jardim (secretário de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo), a regulamentação representa o empenho por parte do Governo paulista em buscar o equilíbrio entre a produção agropecuária e a preservação ambiental, possibilitando a recomposição da vegetação nativa e a preservação das matas ciliares, das nascentes e do solo, garantindo uma agropecuária ambientalmente sustentável e produtiva.

Para o secretário-adjunto de Agricultura, Rubens Rizek Jr., o Estado de São Paulo dará início a um dos maiores programas de recuperação ambiental da história mundial, no qual a área recuperada representará o plantio de mais de um bilhão de novas árvores nativas. "A adesão ao PRA é fundamental para que os produtores rurais possam manter as atividades agropecuárias nas chamadas 'áreas consolidadas'. Além da regularização, o Programa garante que eles possam ter acesso ao crédito rural e evitem dificuldades na venda de sua produção", disse.

Resta agora aguardar e avaliar os resultados efetivos que surgirão do PRA.